



VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. São Paulo: Ubu, 2020.

Mirila Greicy Bittencourt Cunha¹

Recebido em 23/10/2020
Aceito para publicação em 19/12/2021

O enfrentamento à colonialidade pela via feminista decolonial

*Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai
Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história
Se o preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade*

(Identidade, Jorge Aragão, 1992)

Provavelmente Françoise Vergès não conhece a música acima de Jorge Aragão. Mas a letra apresenta questões desenvolvidas em seu livro. Contexto que muito me chamou a atenção quando morei no Rio de Janeiro. Vindo do interior do Estado, vislumbrei prédios enormes e seus portões diferenciados, elevadores diferenciados e portas de apartamentos com entradas diferenciadas. Banheiros exclusivos que quando havia chuveiros, estavam acima da privada, e muitas

¹ Bacharel em Ciências Sociais (UFF/RJ). Mestra em Sociologia Política (UENF/RJ), especialização em Pedagogia da Cooperação & Metodologias Colaborativas (Unibr/SP). Doutoranda em Ciências Sociais (UFES/ES). Endereço de email: mirila.greicy@gmail.com.

vezes sem pia, devido ao reduzido tamanho. Bem como a pessoa, a mulher, as mulheres negras, que devem fazer uso desses “cômodos”, são intimidadas corporalmente conforme o restrito tamanho e largura do “ambiente”, muitas vezes sem qualquer ventilação. Outra cena que “conheci” no Rio, é o “cochilo” das *mulheres racializadas* - nas palavras da autora - devido a longa distância e péssimo serviço de transporte público da capital. É preciso pegar o primeiro trem, metrô, ônibus, van, lotada, para não se atrasar - ou para conseguir fazer a viagem sentada. Mas assim, acabam por chegar cedo e dormem nas escadas da parte de fora da entrada do metrô (já na Zona Sul, local de trabalho). Pois dentro não é permitido (a partir da justificativa “para a sua própria segurança”, ou por atrapalhar o fluxo dos usuários).

Tais exemplos cariocas é parte da paisagem que Vergés traz em seu “manifesto” *Um feminismo decolonial*. É o primeiro livro da autora em edição brasileira, pela Ubu. Publicado em abril (na França em março de 2019), com pré-venda pelo site com entregas a partir do dia 1 de maio. Dia dos trabalhadores do ano de 2020, o mundo, já em situação de isolamento social, ao desafio da pandemia Coronavírus.

Diante diversas reinvenções e mesmo novidades ante o COVID-19, o que permanece como questão, se acentuando ainda mais, é a desigualdade social que atinge sobretudo às mulheres racializadas. Ser “quase da família” não as possibilitam comer à mesa ou na sala, deixar de usar uniformes, sair ou chegar em horários alternativos ou ausentar-se, mesmo que seja uma recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS). Nestes moldes, a primeira vítima fatal do novo Coronavírus no Brasil era uma *trabalhadora doméstica, de 63 anos, que contraiu o vírus de sua empregadora que, apesar de apresentar os sintomas característicos da doença, recusou-se a dispensá-la* (PISANE, 2020, n.p.). No cenário atual a população mais atingida permanece sendo as que possuem menos recursos para prevenção (água, sabão, álcool) e maior número de pessoas em mesmo ambiente (aglomeração). Considerações que Vergés pontua no prefácio à edição brasileira.

As mulheres racializadas são as que limpam o mundo, de modo invisibilizado a serviço do capitalismo, em atividades de risco (químicos, tóxicos, cargas, repetições), não são consideradas qualificadas e suas remunerações são impróprias. Cuidadoras, a colocar em funcionamento as cidades do mundo branco, das mulheres brancas de classe alta. A autora se aproxima das mulheres do *Sul Global* em crítica ao feminismo civilizatório

(branco, burguês, europeu, universalizante, imperialista) que, em relações desiguais, não as integram.

Anterior ao seu prefácio, Flávia Rios² faz uma apresentação intitulada *Por um feminismo radical*. Chama atenção a definição do termo *mulheres racializadas que, de forma mais ampla à racialização direcionada às pessoas negras, como acaba por ocorrer nas Américas e no Brasil, na França são todas as mulheres que a colonialidade fabrica como “outras”, para discriminar, excluir, explorar, desprezar (primeira nota do livro)*. Diz respeito tanto a **pessoas negras e indígenas quanto a não brancas e não ocidentais, na condição de refugiadas e de imigrantes, e mesmo a cidadãs cujas marcas sociais diacríticas (cor, costume, religião, língua...) as impedem de exercer e usufruir sua cidadania (ainda que conquistada no papel)**.

Françoise Vergès debruça-se na teoria da decolonialidade a partir da observação feminista. Feminismo decolonial (categoria gênero no pensamento decolonial, pela argentina María Lugones em *Colonialidade e gênero* (2008)). Ou seja, às consequências da colonização é preciso ser antipatriarcal, anticolonial, anticapitalista, antirracista, anti-imperialista, a denunciar a heteronormatividade e formas de dominações sobrepostas³, pela interface gênero e etnia (identificada pelo feminismo negro norte-americano e brasileiro). Utiliza *Um* no título para abertura à pluralidade, e não *O/A*, que atuam como definidores de uma unicidade.

Segundo a nota das tradutoras Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo, o *s* suprimido amplia sentido do termo pois, *descolonial* é desligar-se, processo metrópole x (ex)colônia. Porém a descolonização de um território não garante a superação da lógica colonial. *Decolonial* é atentar-se à colonialidade, que, em francês, idioma de Vergès, o termo pode ser associado ao ativismo antirracista e ao combate à xenofobia, em *defesa de imigrantes e descendentes de imigrantes vindos de ex-colônias* (PINHEIRO, CAMARGO, apud VERGÈS, 2020, n.p).

² Apresentação de Flávia Rios no livro, ao final de seu texto: FLÁVIA RIOS é professora da Universidade Federal Fluminense e coautora de *Negros nas cidades brasileiras* (São Paulo: Intermeios, 2019) e da biografia de Lélia Gonzalez (São Paulo: Negro / Summus, 2010).

³ No subitem *Por uma pedagogia decolonial crítica*, menciona a análise *multidimensional* à noção de multidimensionalidade proposta por Darren Lenard Hutchinson que desenvolve interseccionalidade a compreender como o *poder racista e heteronormativo cria não apenas exclusões precisas na intersecção das dominações, mas molda todas as proposições sociais e subjetivas, inclusive entre aqueles que são privilegiados*. E “feminismo da totalidade”, que propõe uma *totalidade* das relações sociais. (VERGÈS, 2020, 38).

Ao passo que no Brasil, “decolonial” vincula-se aos estudos “Modernidade/Colonialidade/ Decolonialidade (mcd)”. Para José Rivair Macedo

Os termos pós-colonialismo e pós-colonial têm sido empregados nas Ciências Sociais em duas acepções não totalmente excludentes, mas conceitualmente distintas. Na primeira, aplica-se ao período histórico posterior ao momento em que sociedades africanas e asiáticas foram colonizadas por europeus, da década de 1950 para cá. Na segunda, designa uma tendência de interpretação mais ou menos vinculada aos “estudos culturais” e aos “estudos subalternos”, integrada por autores de origem oriental (Edward Said; Homi Bhabha; Gayatri Spivak) ou afro-descendente (Paul Gilroy, Stuart Hall) que, não obstante as preferências temáticas, metodológicas e analíticas, tem em comum o fato de questionarem a validade das elaborações discursivas, representações e paradigmas explicativos etnocentros, problematizarem as percepções convencionais do que seria a ciência, a modernidade e o cosmopolitismo, e estudarem os fenômenos de hibridização, deslocamentos culturais e transculturação (SANCHES, 2005). [...] não sendo consensual entre intelectuais identificados ao pensamento crítico, como Nelson Maldonado Torres, Anibal Quijano e Walter Dignolo, que preferem a denominação de “estudos descoloniais” e outros, como Boaventura de Souza Santos, que se alinham ao que denominam de “epistemologias do Sul”. (MACEDO, 2016, 295).

Outros nomes importantes são Albert Memmi, Kwame Nkrumah e Frantz Fanon, Aimé Césaire, citados pela autora.

Em resposta ao meu contato por *e-mail*, a editora mencionou que a escrita inclusiva adotada por Vergés •e• não foi mantida por ainda não haver no Brasil qualquer regra sobre o tema, ou uma forma consolidada. Ficou a opção pela barra “os/as” por ser a alternativa mais conhecida do público brasileiro. Mas já aderiram •e• em outro livro e é uma preocupação sobre o assunto. Bem como a preocupação no equilíbrio entre a escrita inclusiva e a fluidez da leitura. Sedo a língua francesa mais maleável que o português.

Vergès inicia e retoma ao final de sua escrita o exemplo da greve de mulheres racializadas trabalhadoras da *Gare du Nord* (Estação de trem do Norte, uma das mais movimentadas de Paris). Descrição de fatos cotidianos em consonância aos enfrentamentos de mulheres exploradas que permanece ao longo do livro.

Um feminismo decolonial é organizado em dois capítulos: *Definir um campo: o feminismo decolonial* e *A evolução para um feminismo civilizatório do século XXI*. O primeiro é composto pelos subitens: Continuar reivindicando o feminismo; Uma trajetória anticolonial; A falsa inocência do feminismo branco; O feminismo como luta pelo direito de existir; Os feminismos de política decolonial; Crítica dos epistemicídios; O que é a colonialidade?; Contra o eurocentrismo; Por uma pedagogia decolonial crítica; O feminismo decolonial como imaginário utópico; Mulheres brancas e mulheres do Sul global; O feminismo e a recusa da escravidão; O excepcionalismo francês: a República da inocência; As mulheres no colonialismo francês; O feminismo desenvolvimentista. E o segundo capítulo por: Laicidade querida; Uma ofensiva mundial contra os Suis e seus sujeitos de gênero feminino; O engajamento das mulheres na missão civilizatória na era liberal; Inclusão liberal; Femonacionalismo, natalidade e Bumidom; A recuperação da narrativa militante; Tempo e narrativa do feminismo segundo o Estado; Solidariedade ou lealdade aos homens racializados; O feminismo civilizatório como operador de pacificação das lutas das mulheres; O desvelamento nos anos 2010; Patriarcado conservador vs. patriarcado liberal; Politizar o cuidado; O desgaste dos corpos; Quem limpa o mundo?; Por uma reconexão com a potência de imaginação do feminismo.

Ao final, um texto *Sobre a autora*. A autora nasceu em Paris, 1952. viveu na colônia francesa ilha da Reunião (a oeste de Madagascar, oceano Índico), Argélia, México, Inglaterra e nos Estados Unidos. Gosta de cozinhar, costurar, dançar, ama viver⁴. Com origens não brancas e tais circulações afirma que

Não foi chegando à França ou frequentando uma universidade que descobri que capitalismo, racismo, sexismo e imperialismo são companheiros de estrada; tampouco foi lendo Simone de Beauvoir que reencontrei o feminismo anticolonial e antirracista –

⁴ Entrevista com François Vergès. Semana 11: “Um feminismo decolonial”. Disponível em: <<https://www.historiaemquarentena.com/>>. Acesso dia 05 de setembro de 2020.

ele foi parte de meu entorno desde a primeira infância.
(VERGÈS, 2020, 25)

Cientista Política, Historiadora, Escritora, Ativista e Especialista em Estudos Pós-Coloniais, graduou-se na San Diego State University (1989), PhD pela Berkeley University of California (1995). Publicou *Monsters and Revolutionaries: Colonial Family Romance and Métissage* [Monstros e revolucionários: o romance da família colonial e a mestiçagem] (1999). Presidiu o comitê nacional francês de preservação da memória e da história da escravidão (2009-2012). Lecionou na Sussex University e na Goldsmiths College (Inglaterra) e foi titular do programa Global South(s) no Collège d'études mondiales da Fondation Maison des Sciences de l'Homme (2014-2018). Foi coautora dos documentários *Aimé Césaire face aux révoltes du monde* [Aimé Césaire em face das revoltas do mundo] e de *Maryse Condé: Une voix singulière* [Maryse Condé: uma voz singular], ambos dirigidos por Jérôme-Cécile Auffret. Consultora curatorial da *Documenta 11* (2002) e da *Paris Triennale* (2012). Organizou as exposições *L'Esclave au Louvre: une humanité invisible* [O escravo no Louvre: uma humanidade invisível] (Museu do Louvre, 2013), *Dix femmes puissantes* [Dez mulheres poderosas] (2013) e *Haiti, medo dos opressores, esperança dos oprimidos* (2014), ambas para o Mémorial de l'abolition de l'esclavage, de Nantes.

Há certa urgência para a afirmação feminista, mesmo que a mesma tenha revelado ter demorado a se definir assim. Para seu feminismo radical, em emergência à um feminismo político decolonial amplo, transnacional e plural, é impossível a luta pela própria liberdade em dano à liberdade de outros, é um *direito à existência*. Assim parece não caber por exemplo que mulheres se ausentem de se auto definirem feministas. E o que considerar sobre o feminismo de grupos religiosos? Me intriga em sua abertura, em sua defesa à pluralidade, o quadro das mulheres em situação de rua e com deficiência, não serem mencionadas, e não são elas mulheres? Bem como a construção de sua autoimagem que, em grande maioria das que constam na internet, está de turbante. Seria apropriação cultural? Uma reprodução do que critica? E sobre o próprio termo decolonial, com a provocação de Selma Silva⁵, a indagar: o que é colonizar? Se o uso não demarca certa aceitação, ao que sugere nomes como exploração, invasão...

⁵ Participação no Seminário Internacional Erradicação do Racismo na Educação Superior: Modos de contestar e Ocupar (IFF). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kKrOfzk3c1A>>. Acesso dia 05 de outubro de 2020.

A leitura do texto, em denúncia à funcionalidade do capitalismo, evidencia opressões tidas como normalizadas, que negam vidas de mulheres em todo o mundo. As empregadas domésticas, profissionais do sexo, *queer*, trans, migrantes, refugiadas e aquelas *para quem o termo “mulher” designa uma posição social e política, não estritamente biológica.* (VERGÈS, 2020, 14).

Referências

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. **Tabula Rasa** [online], n.9, pp.73-102, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-24892008000200006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 21 de outubro de 2020.

MACEDO, José R. Intelectuais africanos e estudos pós-coloniais: considerações sobre Paulin Hountondji, Valentin Mudimbe e Achille Mbembe. **OPSIS** [online], Catalão-GO, v. 16, n. 2, p. 280-298, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/37298>>. Acesso em: 21 de outubro de 2020.

PISANI, Mariane da S. **O enfrentamento e a sobrevivência ao Coronavírus também precisa ser uma questão feminista! Boletim Especial. ANPOCS**, n. 11, 2020. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2323-boletim-n-12-o-enfrentamento-e-a-sobrevivencia-ao-coronavirus-tambem-precisa-ser-uma-questao-feminista>>. Acesso em: 13 junho de 2020.